

APRESENTAÇÃO

É com grande prazer que apresentamos aqui esta nova edição da *Feminismos*, a número 2 do volume 7, de 2019. Ela tem significado especial para nós: primeiro, porque o ano de 2019 se traduziu em um ano difícil para as universidades públicas brasileiras, sofrendo constantes ataques e cortes orçamentários por parte do Governo Federal, principalmente dos Ministros de Educação que deveriam nos trazer apoio e suporte. Segundo, porque como vem acontecendo com outros periódicos, passamos pelo sufoco da quase destruição dos nossos arquivos por uma invasão de hackers e vamos agora, aos poucos, atualizando nossas publicações. Por isso esta chega com certo atraso, mas plena de artigos, um dossiê, mais ensaio, resenha e uma maravilhosa entrevista com a feminista Amelinha Teles, tudo isso com vistas a trazer para vocês questões que acreditamos serem relevantes para leitura e reflexão.

A sessão de artigos inclui uma diversidade de temas e abordagens nesse sentido. Começa com o artigo de colegas do Rio Grande do Sul – Daniel Luciano Gevehr, Roberto Tadeu Ramos Morais, Mônica Juliana Facio, Diogo da Silva Corrêa – voltado para a campanha dos “16 Dias de Ativismo pelo Fim da Violência contra a Mulher” no município de Taquara, daquele estado, partindo de uma discussão sobre essa campanha em âmbito internacional. O estudo baseia-se na leitura e análise de fontes bibliográficas, bem como nos dados obtidos na página oficial da campanha internacional e em redes sociais e mídias de comunicação locais. Constata que “a dinâmica empregada no município esteve em consonância com os propósitos pensados originalmente em nível global”, tendo um resultado bastante positivo na criação de uma lei municipal de apoio à campanha. O que sugere que campanhas dessa natureza permanecem instrumentos importantes para o enfrentamento da violência contra mulheres e merecem nosso apoio e atenção.

Segue-se o artigo de Anelise Gregis Estivalet (também do Rio Grande do Sul), “Saúde reprodutiva e gestão

dos corpos das mulheres brasileiras”, nos oferecendo dados e demais informações que indicam quedas sensíveis nas taxas de fecundidade das mulheres brasileiras no período de 1960 a 2016. Essas quedas se manifestam em todas as faixas etárias compreendidas no período reprodutivo da mulher, inclusive entre as mais jovens (15-19 anos), assim como em todas as regiões do país e nos diferentes segmentos socioeconômicos. A autora argumenta que esse declínio nas taxas de fecundidade das mulheres tem como prováveis fatores o crescimento do uso de métodos contraceptivos diversos e a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho. Verifica-se, porém, no mesmo período, a escalada ascendente das porcentagens de nascimentos cesarianos no país que, em 2016, chegaram a representar cerca de 55,5% do total de nascimentos naquele ano, o que coloca o Brasil dentre os países com as maiores porcentagens de partos cesarianos, em sua maior parte, desnecessários. Uma questão que por certo também merece nossas reflexões.

O artigo seguinte, de Silvia Regina Marques Jardim e Maristela Oliveira Meira, “Gênero e juventude: uma análise de questionário aplicado a estudantes do ensino médio com relação à escolha da profissão”, se volta para o registro e análise das perspectivas de jovens das camadas populares na Bahia sobre seu futuro profissional. O estudo foi realizado entre estudantes do Ensino Médio em escolas públicas de Vitória da Conquista, com o objetivo de “verificar, entre as escolhas e sonhos desses jovens, a existência de diferenças no que diz respeito às relações sociais de gênero.” Os resultados indicam que, apesar dos avanços em romper com as amarras de gênero, ainda se percebe “uma determinação ainda em voga sobre quais cursos superiores são indicados para as mulheres e quais são atribuídos ao homem.”

Encerrando a seção de artigos, tem-se a contribuição de Raquel de Barros Pinto Miguel, Maria Laura Silveira dos Santos e Luísa Costa Miguel, “Do

Mulherio à Capitolina: retratos dos feminismos na mídia brasileira”. Trata-se da apresentação dos resultados de uma pesquisa comparativa entre dois periódicos feministas – o *Mulherio*, que circulou na década de 1980, e o *Capitolina*, que circula ainda hoje, desde 2014. Segundo pode ser observado, ainda que haja permanências, mudanças relevantes se fazem presentes tanto na maneira de apropriação dos meios de comunicação, quanto nas pautas abordadas. Dentre elas, permanecem ainda em destaque a questão da violência contra mulheres, do aborto e da existência de uma divisão sexual do trabalho. Ou seja, essas questões são ainda bandeiras de luta dos movimentos feministas atuais, ainda que agora repensadas a partir de perspectivas interseccionais.

Na sequência, temos o rico dossiê organizado por Márcia Tavares e Josimara Delgado, professoras do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos, o PPGNEIM da UFBA, com base nos trabalhos desenvolvidos/produzidos para a disciplina “Gênero, memórias e narrativas”, por elas oferecida no referido Programa. Tratava-se de um tema ainda não visitado em sua oferta de disciplinas, atraindo um grande número de mestrandas/os e doutorandas/os, de sorte que os trabalhos resultantes permitiram o desdobramento do produto em dois dossiês. O primeiro – Gênero, Memórias e Narrativas I - está sendo publicado neste número, sendo que o segundo constará da próxima edição da *Feminismos* (Volume 7, número 3).

No presente número, contamos ainda com a bela resenha elaborada por Miliane de Carvalho Pinheiro e Yara Bruna Vitorino de Paula sobre o livro *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*, da feminista norte-americana, bell hooks, traduzido do inglês por Cátia Bocaiuva Maringolo e publicado pela Editora Elefante em 2019. A versão original é de 1989, mas, como bem pontuam as autoras da resenha: “Apesar de escrito na década de 1980, o livro de hooks traz discussões, análises e proposições que nos parecem pertinentes na atualidade.”

Sempre atual também é nossa companheira, a feminista já ‘histórica’, Amelinha Teles, entrevistada por Daniela Tega e Mabel Belluci, cujo relato da entrevista fecha

este número com chave de ouro. Além de ser uma das feministas mais conhecidas no país, Amelinha é também uma importante liderança na luta pelos direitos humanos entre nós, tendo sofrido torturas violentas nas mãos do Coronel Ustra, durante a ditadura militar. Em um momento em que as maiores autoridades governamentais do país homenageiam esse torturador e tentam glorificar a ditadura, o testemunho de Amelinha Teles revelando a brutalidade sofrida se torna ainda mais relevante.

Gostaríamos de agradecer a todo mundo que contribuiu para a publicação desta edição da *Feminismos*, incluindo-se aí autoras, autores, pareceristas e demais colaboradoras e colaboradores.

Ao nosso público leitor, nossos agradecimentos pelo apoio! Boa leitura!

Equipe Editorial: Ângela Maria Freire de Lima e Souza, Cecília Maria Bacellar Sardenberg, Clarice Costa Pinheiro, Josimara Delgado, Maise Caroline Zucco, Márcia Santana Tavares, Teresa Sacchet.

Disclaimer: Lembramos que a responsabilidade pela revisão gramatical e ortográfica é de responsabilidade dos autores e autoras.